

VOGAIS ESPANHOLAS: INTERFERÊNCIAS DA LÍNGUA PORTUGUESA E DIFICULDADES DE PRONUNCIA

José Rodrigues de Mesquita Neto¹

RESUMO

Este trabalho nasceu a partir da observação das aulas de fonética e fonologia e da preocupação dos professores com os erros de pronúncia dos fonemas vocálicos. Tem como objetivo o estudo dos erros mais frequentes relacionados à pronúncia das vogais de alunos brasileiros estudantes de espanhol como língua estrangeira. Como metodologia, realizamos uma análise através da observação das aulas de fonética e fonologia e das aulas de língua espanhola do IFRN (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte), no qual fizemos um levantamento dos erros mais frequentes relacionados a pronúncia das vogais da língua espanhola. Objetivamos também mostrar estes erros para que assim nós, professores, possamos tentar encontrar outras soluções para que esses erros não perdurem e não voltem a se repetir em níveis mais avançados e que não cheguem a se fossilizar e a atrapalhar a comunicação do aluno. Podemos concluir que a nasalização do fonema /a/ e a pronúncia dos fonemas /e/ e /o/ de forma aberta são os erros mais comuns produzidos por alunos de nível inicial. Constatamos assim que a língua materna está completamente presente no ensino de uma língua estrangeira e que ela pode ou não ser um fator positivo.

PALAVRAS-CHAVE: Fonemas vocálicos. Interferências. Fonética e fonologia.

RESUMEN

Este trabajo surgió a partir de la observación de las clases de fonética y fonología y de la preocupación de los profesores con los errores de pronúncia de los fonemas vocálicos. Posee como objetivo el estudio de los errores más comunes relacionados a la pronúncia de las vocales de alumnos brasileños estudiantes de español como lengua extranjera. Como metodología, realizamos un análisis a través de la observación de las clases de fonética y fonología y de las clases de lengua española de IFRN (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte), en la cual hicimos un levantamiento de los errores más frecuentes relacionados a la pronúncia de las vocales de la lengua española. Objetivamos también mostrar estos errores para que así nosotros, profesores, podamos intentar encontrar otras soluciones para que esos errores no continúen y no vuelvan a repetirse en los niveles avanzados y que no lleguen a fossilizarse y a interrumpir la comunicación del alumno. Podemos concluir que la nasalización del fonema /a/ y la pronúncia de los fonemas /e/ y /o/ de forma abierta son los errores más frecuentes producidos por los alumnos de nivel inicial. Constatamos así que la lengua materna está completamente presente en la enseñanza de una lengua extranjera y que ella puede o no ser un factor positivo.

¹ Mestrando em Linguística Aplicada ao ensino de espanhol pela Universidad San Lorenzo – Py. Atualmente é professor Auxiliar II pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

PALABRAS-CLAVE: Fonemas vocálicos. Interferencias. Fonética y fonología.

1 INTRODUÇÃO

Os brasileiros têm uma idéia errônea a respeito da aprendizagem do espanhol como língua estrangeira, pensando que pelo fato do português e o espanhol serem idiomas semelhantes (devido sua origem), não precisa ser estudada ou, pelo menos, menos estudada, visto que eles compreendem tudo ou quase tudo, porém, muitos desses alunos, talvez, por pensarem assim, acabam cometendo erros pequenos, mas que não deixam de ser graves. E por não trabalhá-los, acabam levando-os a níveis mais avançados, muitas vezes fossilizando o erro.

Além disso, como professor e aluno de espanhol pude observar que muitos alunos e companheiros meus tinham certa dificuldade com alguns aspectos da língua.

Pelos fatos apresentados acima decidimos realizar uma pesquisa, cujo título é “Dificuldades de pronúncias das vogais espanholas e as interferências da língua portuguesa”, que tem como objetivos analisar as interferências relacionadas ao uso dos fonemas vocálicos da língua espanhola mostrando se existe ou não a influência da língua materna e ajudar a nós, professores e também alunos, a trabalhar encima desses erros de pronúncia para evitar uma futura fossilização.

Para a realização desse trabalho primeiramente fizemos algumas leituras sobre Lingüística Contrastiva, fossilização e interferência e logo, como professor de fonética y fonologia, aproveitando as aulas fizemos uma observação das principais dificuldades que os alunos apresentavam ao pronunciar os fonemas vocálicos e procuramos saber se existia alguma interferência da língua materna e, para finalizar, mostramos algumas formas para praticar pronúncia e evitar a fossilização do erro.

O trabalho está estruturado em três capítulos; o primeiro, intitulado a lingüística contrastiva e seus modelos de análise lingüística, trata da parte teórica dos modelos da Lingüística Contrastiva, no caso da Análise Contrastiva, Análise de Erros e Interlíngua. Dentro da interlíngua falamos um pouco sobre a fossilização de erros. No segundo, discorreremos sobre os principais conceitos de fonética e fonologia. No terceiro e último, mostraremos quais são as principais dificuldades encontradas e damos dicas de como melhorar essa pronúncia.

2 A LINGÜÍSTICA CONTRASTIVA E SEUS MODELOS DE ANÁLISE LINGÜÍSTICA

Para ensinar um novo idioma, seja ele inglês, francês, alemão, italiano ou espanhol, é necessário muita dedicação por parte do professor (que tem que procurar sempre a melhor maneira de passar o conteúdo para o aluno e detectar as dificuldades de cada grupo, seja ela fonética, morfológica ou sintática) como também é necessário a dedicação por parte dos alunos (que devem trabalhar bem o idioma, procurando sempre estar em prática e controlando seus erros). No entanto, quando se trata do espanhol como língua estrangeira, os estudantes brasileiros ficam mais relaxados por acreditarem que por serem línguas irmãs (ambas originadas do latim), por pertencerem à mesma família é mais fácil aprendê-la e que precisa de menos dedicação.

Dizer que uma ou mais línguas pertencem à mesma família – que são relacionadas geneticamente – é dizer que elas são variantes divergentes, descendentes, de uma língua ancestral comum ou protolíngua. (LYONS, 1979, p. 174)

Há algo de verdade nessa afirmação. É muito mais simples um estudante brasileiro aprender espanhol do que árabe ou japonês, por exemplo, pois quando o idioma estudado é próximo ao seu os mecanismos coincidentes são muitos, porém essa confiança pode levar a muitos erros. Assim, as semelhanças e a proximidade podem se tornar um terrível obstáculo no aprendizado.

Older e Ziahosseiny (1970) propõem, contudo, uma versão moderada de hipótese que estabelece que a interferência pode, na realidade, ser maior quando os itens estudados são mais semelhantes aos itens já aprendidos do que quando totalmente novos e não relacionados com conhecimentos anteriores. E é por este motivo que surgem estudos que trabalham com a comparação de dois ou mais idiomas. A Lingüística contrastiva (doravante LC) se interessa pelos efeitos que as diferenças e semelhanças existentes na estrutura da língua materna (doravante LM) produzem na aprendizagem de uma ou mais línguas estrangeiras (doravante LE) / segunda língua (doravante L2)².

A LC é dividida em duas versões: a teórica e a prática, esta última é a que vai nos interessar, ela se divide em três modelos: a Análise Contrastiva (doravante AC), a Análise de Erros (doravante AE) e a Interlíngua (doravante IL). Cada um desses

² Neste trabalho os termos Línguas estrangeiras e segunda língua serão usados como sinônimos.

modelos considerou princípios metodológicos diferentes, analisou dados diferentes, portanto extraiu resultados diferentes e ofereceu diferentes soluções pedagógicas para os mesmos problemas.

Muitas críticas surgiram à LC, mas isso não impediu que os estudiosos ainda a usem e pesquisem sobre ela utilizando seus princípios teóricos e práticos.

Prova de que a Lingüística Contrastiva ainda tem muito a oferecer é o fato de que, apesar de algumas rejeições, continuaram sendo realizadas pesquisas contrastivas. (MARTÍNEZ, 1999)

1.1 Análise Contrastiva

Como já vimos anteriormente a LC é um ramo que mistura o teórico e o prático ao desenvolver estudos sobre a linguagem. Procura, desta maneira, solucionar problemas reais relacionados a uma dada língua, com isso, a análise contrastiva, surgiu com o objetivo de verificar as afinidades e diferenças existentes entre a Língua Materna e a Língua Estrangeira, para que assim, pudesse ajudar aos estudantes de um novo idioma a trabalhar com seus erros e evitá-los.

Segundo Vandresen (1988, p.64) a Análise Contrastiva está baseada no fundamento da interferência da língua materna na língua estrangeira.

Vê-se, então, que toda a AC está fundada no conceito de interferência do aluno a substituir traços fonológicos, morfológicos, sintáticos da língua estrangeira por traços da língua materna. A interferência se manifesta como desvios na LE estudada, por influencia da LM do aluno.

Trabalhar com dois idiomas relativamente parecidos é um desafio para muitos, visto que a Língua Materna terá influência ainda maior sobre a Língua Estrangeira estudada (neste caso o espanhol). Essa influência que também podemos chamar de transferência pode ser positiva (quando não leva ao aluno a cometer erros na estrutura do seu diálogo), e também negativa (quando o aluno faz uso de maneira errônea da LM na LE). Esta transferência pode ser chamada de interferência.

Apesar das interferências, muitos estudiosos acreditavam que o estudo de um novo idioma, através do seu próprio, era vantajoso, visto que, o aluno já tinha internalizado as estruturas da Língua Materna. Essas estruturas ajudariam a construir as estruturas da Segunda Língua (L2) estudada. Enquanto muitos acreditavam que a

interferência era apenas um lado negativo da AC, outros pensavam que não, pois, ao saber que a estrutura “x” do seu idioma não é permitida no idioma estudado, o aluno não cometeria o erro novamente, desde que isso fosse trabalhado.

Muitas críticas surgiram em torno da AC como, por exemplo, o trabalho de Chomsky (1965) contra a base teórica do modelo da AC, ele afirma que a aquisição de uma língua não se reduz a um processo de estimulação externa: para ele a base do comportamento lingüístico é uma faculdade vinculada ao sistema cognitivo com base no cérebro humano, ou seja, a língua é uma faculdade da linguagem. Outras duas críticas importantes foram feitas. A afirmação de que todas as estruturas da LE diferentes da LM invariavelmente provocariam interferências, como já vimos muitos acreditavam que essas interferências poderiam ser trabalhadas de maneira positiva e a suposição de que a interferência era o único fator que levava ao erro. Baralo (1996) cita outros fatores que podem induzir ao erro como algumas formas de condução no processo de instrução; a pobreza dos dados lingüísticos aos quais o aprendiz é exposto; a falta de adequação de certos materiais didáticos e a metodologia utilizada.

Como já sabemos, todos os modelos de análise da LC sofrem inúmeras críticas e é por isso que cada vez surge um novo, adaptando o modelo passado e é por isso que apesar das inúmeras críticas feitas à AC, ela foi de grande importância nos estudos lingüísticos.

1.2 Análise de Erros

A Análise de Erros é um importante modelo de análise lingüística da LC e é uma evolução da AC, com o objetivo de superar suas limitações. A AE é fundamentada teoricamente pela Teoria de Aquisição Lingüística de Chomsky. A partir de produções reais, ou seja, textos produzidos pelos próprios alunos, os erros dos alunos são estudados e classificados de maneira sistemática, a fim de observar, inclusive estatisticamente, que pontos ou áreas oferecem maiores dificuldades na aprendizagem de tal língua (no caso de nosso trabalho, sempre pensemos no espanhol com L2), a que permite desenvolver materiais e métodos de ensino específico para cada aluno ou grupo de alunos.

Utilizando-se desse modelo de análise o professor poderá trabalhar de maneira mais eficaz, pois ele saberá exatamente onde está a dificuldade de seus alunos. Poderá então praticar e fazer com que o aluno não cometa os mesmos erros novamente.

Graças a esse modelo, o conceito de erro mudou, sendo agora, considerado um passo importante, obrigatório na aquisição de uma LE, ou seja, o erro já não é visto como sendo algo exclusivamente negativo, e sim como um mal necessário pelo qual todos que estão aprendendo devem passar.

A presença do erro é natural nos contatos de ensino / aprendizagem de línguas. Significa inquietação para uns, utilidade para outros. Seja qual for a opinião de quem se depara com o erro sua aparição é inevitável. (GARCIA, 2004 apud FARIAS, 2007, p.51).

A AE trabalha com o conjunto. De acordo com alguns teóricos, na sala de aula, por exemplo, um aluno aprende com o outro, pois quando um dos estudantes da LE começa a falar e comete um erro, o professor em um outro momento faz a correção do erro e assim o próximo aluno já não o cometerá. Corder (1997) diz que se falantes nativos de um idioma podem cometer erros ou deslizes, os aprendizes de uma LE também poderá cometê-los.

Os erros dos alunos, portanto, nos proporcionam evidências do sistema da língua que estão utilizando (ou seja, que aprenderam) no momento específico do curso (e devemos insistir em que estão utilizando algum sistema, ainda que não seja o correto) e são importantes em três níveis diferentes. Em primeiro lugar, para o professor, visto que lhe dizem, se empreende numa análise sistemática, quanto progrediu o aluno em relação a sua meta e, conseqüentemente, o que falta para aprender. Segundo, proporcionam ao investigador evidência de como se adquire ou se aprende uma segunda língua, quais estratégias ou procedimentos estão empregando o aluno em seu descobrimento em tal língua. Terceiro (e em um sentido é o aspecto mais importante) são indispensáveis para o próprio aluno, visto que podemos considerar que cometer erros é um mecanismo que este utiliza para aprender. Cometer erros é, pois, uma estratégia que se emprega tanto pelas crianças que adquirem sua língua materna como também por indivíduos que aprendem uma segunda língua. (CORDER, 1992 apud FARIAS, 2007, p.34).

Diante dessa nova visão do erro, muitos teóricos se centraram em definir o erro.

Corder (1973), explica a importância da Análise de Erros ao afirmar que:

Ainda que a natureza e a qualidade dos deslizes que um aprendiz comete não explicitem com toda segurança os limites do seu conhecimento da língua, elas provavelmente são a fonte mais idônea de informação sobre a natureza

do conhecimento que ele tem. Mediante o estudo dos erros dos aprendizes, somos capazes de entender a natureza de seu conhecimento naquele momento do curso de sua aprendizagem e descobrir o que ele ainda tem que aprender. Ao descobrir e classificar os erros do aprendiz em termos lingüísticos, formamos um quadro dos traços da língua que estão causando problemas de aprendizagem.

Graças a esse modelo o erro passou a ser visto de maneira positiva ao invés de negativa e passou a ser entendido como um fator na aprendizagem de um estudante de uma Língua Estrangeira.

1.3 Interlíngua e Fossilização

O término Interlíngua (IL) se usa não somente para fazer referência ao produto lingüístico sistemático que aprendizes de línguas não nativas constroem em cada etapa do desenvolvimento do idioma estudado, mas sim para se referir ao sistema que permite a observação das diferentes etapas da aprendizagem dos estudantes da língua não nativa; e ao sistema utilizado como meio de comunicação entre aprendizes e professor de uma determinada língua estrangeira / segunda língua.

Temos que levar em consideração que a interlíngua não é apenas a interferência da língua materna dentro da língua estrangeira, ela pode ser causada pela influencia de uma terceira língua na língua meta ou até mesmo da L2 na Língua materna.

Podemos dizer que existe um “mito” quando se pensa no estudo da língua espanhola de que esse idioma é fácil e muito parecido com o português, visto que existem milhares de casos de brasileiros que entraram em saias justas por pensar que entenderam o que o estrangeiro falou, quando na verdade a tradução da frase dita é uma outra completamente diferente.

Observa Viana (1997, p. 45),

Se há algumas desvantagens advindas da proximidade entre as duas línguas, não podemos deixar de considerar as vantagens dessa condição. Uma delas é a possibilidade da utilização, desde o primeiro estágio, de textos autênticos, veiculando informações relevantes sobre assuntos diversos e sobre diferentes áreas do saber. Isso permite a implementação de uma abordagem comunicativa em toda a sua dimensão.

Os estudantes brasileiros têm mais facilidades que estudantes de outras nacionalidades em relação a aprender o espanhol como língua estrangeira (ELE), devido

as grandes semelhanças que existem entre esses dois idiomas como podemos observar em relação aos cognatos “Ulsh (1971) estabelece (...) que mais de 85% do vocabulário português tem cognatos em espanhol” (ALMEIDA FILHO, 199, p. 15).

Para aprender um novo idioma é necessário muito empenho por parte de todos que colaboram para a aprendizagem de tal idioma. Em relação ao português e espanhol as semelhanças contribuem para o aprendizado do novo idioma, mas essa constante mistura de elementos lexicais dificulta “o avanço da interlíngua rumo a um padrão desejável de língua-alvo” (FERREIRA, 1995, p.40).

O professor tem que ficar sempre atento aos erros dos alunos e alertá-los sobre “como a superação de uma interferência pode conduzir à fossilização do erro.” (FERNÁNDEZ, 2003, P.109).

Selinker (1972) propõe a fossilização como sendo a principal característica da Interlíngua (IL). Podemos entender que fossilização é a internalização do erro, ou seja, o estudante da língua estrangeira não consegue mais corrigir o erro, pois ele não consegue encontrá-lo ou percebê-lo.

Os professores não podem permitir que os erros se fossilizem e para evitar essa fossilização, além de conscientizar o aluno de que aquele erro pode chegar a se fossilizar, deve trabalhar esse erro em sala mostrando ao aluno o porquê dele o estar cometendo. Além disso, foram criados alguns métodos que estão consagrados e que são aceitos alguns princípios, estratégias e procedimentos gerais presentes no processo ou que sobre ele incidem, tais como a repetição, a transferência a partir da língua materna, a generalização, fatores sociais, afetivos psicológicos etc.

Segundo Picado (texto on-line), existem pesquisas que falam sobre as etapas do erro e elas estão divididas em três etapas cada uma relacionada a seu nível são eles:

- a) no primeiro nível (inicial) os alunos produzem erros do tipo interlíngual, por influência da LM ou de um L3³ (se for o caso); o aprendiz é incapaz de se autocorrigir e se mostra inaccessível às correções; existe uma violação sistemática das regras e uma grande insegurança na sua aplicação;
- b) no segundo nível (intermediário) o estudante começa a se desprender da língua mãe para se mover apenas dentro da L2, assim sendo, eles passam a produzir um maior número de erros intralínguais⁴ que interlínguais⁵. Começam a tentar regularizar as

³ L3 no nosso trabalho representa uma terceira língua que o estudante já domine.

⁴ A intralíngua diferente da interlíngua é o estudo do erro dentro do próprio idioma estudado, ou seja, é quando a interferência no estudo de um outro idioma é encontrada dentro da própria L2.

normas interiorizadas, com constantes reajustes após a comprovação das hipóteses pessoais, no qual é um momento de confusão que se manifesta na utilização de uma mesma estrutura de forma correta e incorreta. Nesta fase começam a pensar sobre o funcionamento da língua e sobre as estruturas que antes tinham aprendido de memória. Começam a ser capazes de se autocorriger;

c) no terceiro e último nível (avançado ou superior) os erros aparecem com conhecimentos prévios, esses erros podem chegar a se fossilizar; e podem apresentar problemas de adequação pragmática. No entanto, estes alunos mostram uma capacidade quase automática para a autocorreção.

3 CONCEITOS BÁSICOS DE FONÉTICA E FONOLOGIA

Alguns lingüistas pretenderam fazer da fonética e da fonologia como duas ciências independentes e tratá-las de forma separada, como se cada uma pudessem ser estudadas de forma isolada, mas passaram a vê-las como ciências inseparáveis, já que uma serve como apoio para a outra, visto que a unidade de estudo da fonologia é o fonema e a unidade de estudo da fonética é o fone, com isso podemos dizer que a fonologia é a teoria e a fonética é a prática.

A fonética descreve e sistematiza todos os elementos fônicos que o homem produz, enquanto que a fonologia estuda as invariâncias ou padrões de sons que em todas as línguas do mundo possuem⁶. (Tradução nossa⁷). (AMALIA e ARENAS, 2005, p.14).

Assim, podemos dizer que a fonologia estuda a língua de um modo geral sem suas variações, já a fonética estuda como cada indivíduo fala, com suas variações.

Para o estudo destas ciências e para um melhor entendimento do nosso trabalho é necessário que saibamos de algumas definições como: O que é linguagem? Quais as diferenças entre língua e fala? O que é o signo lingüístico e como está constituído? O que é o fonema e os fones? Etc.

⁵ Os erros interlinguais são causados pela interferência do próprio idioma estudado.

⁶ Texto original: (...) la fonética describe y sistematiza todos los elementos fónicos que el hombre produce, mientras que la fonología estudia las invariaciones o patrones de sonidos que en todas las lenguas del mundo subyacen a las innumerables variantes fónicas.

⁷ Todas as traduções das citações necessárias foram realizadas pelo autor do trabalho.

Como já vimos tanto a fonética como a fonologia estudam de uma forma geral o som, porém cada uma possui sua unidade de estudo.

A fonologia tem como unidade de estudo o fonema que “é a menor unidade lingüística, desprovida de significado, formada por várias características diferenciadoras” (QUILLIS, 1997), ou seja, o fonema é a imagem mental do fonema e ele sozinho não possui nenhum significado. O fonema é representado entre barras, vejamos os fonemas vocálicos a seguir: /a/ /e/ /i/ /o/ /u/.

Já a fonética possui como unidade de estudo o fone, ou seja, o som propriamente dito que é a concretização do fonema e está representada entre colchetes, vejamos alguns exemplos: [ã], [], [j], [ç], [u].

Podemos dizer que linguagem é tudo aquilo que o homem produz e que possui comunicação. Além disso a linguagem está formada pela união inseparável da língua, que é o modelo geral e constante para todos os membros de uma coletividade lingüística, ou seja, a língua portuguesa, espanhola, inglesa, etc. Já a fala é a realização desse modelo em cada membro de uma coletividade lingüística, ou seja, é individual, é como cada individuo de um a comunidade lingüística se expressa.

Amalia e Arenas (2005) na sua obra “La fonética y la fonología: Análisis e investigación de los sonidos del habla” nos dar um quadro no qual define perfeitamente, ao meu ponto de vista, o que é linguagem.

LINGUAGEM	
LÍNGUA	FALA
Social	Individual
Essencial	Secundaria
Psíquica	Psicofísica
Sistemática	Assistemática
Valor puro	Fato positivo ou material

(p.15)

Se fizermos uma comparação de língua e fala com fonética e fonologia, podemos dizer, sem sobra de dúvidas, que a fonética está relacionada diretamente com a fala, enquanto que a fonologia está relacionada com a língua.

O signo lingüístico é tudo aquilo que tem relação com linguagem (que definimos no tópico anterior), ou seja, tanto com língua quanto com fala e ele está composto pelo significante que é a expressão como /m/+/é/+/s/+/a/, ou seja, pela união de alguns elementos fônicos e pelo significado que é o conteúdo, o conceito, a idéia que temos sobre o que é uma mesa, para que serve, etc.

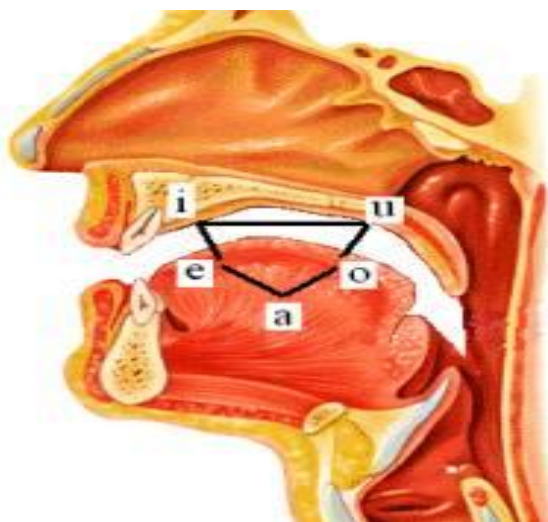
3.1 Sobre as vogais

Tanto em português como em espanhol existem cinco grafemas vocálicos a, e, i, o, u e estes grafemas possuem, na língua espanhola, também cinco fonemas (/a/, /e/, /i/, /o/, /u/) que podem estar em posição átona ou tônica e pode vir no início, no meio ou no final da palavra, enquanto que em português existem doze (sete sendo em sílabas tônicas e cinco em sílabas átonas).

Segundo Quillis (1997) podemos classificar as vogais em relação ao seu modo e lugar de articulação, sendo esse primeiro relacionado à posição que a língua ocupa dentro da boca durante a pronúncia da vogal, já o segundo está relacionado onde está situada a língua dentro da cavidade bucal.

Com relação ao modo de articulação podemos classificar as vogais em altas (i,u), baixas (a) e médias (e,o) e com relação ao lugar de articulação anteriores (e, i), posteriores (o, u) ou central (a).

Podemos observar a seguir a imagem com o triângulo articulatório.



www.uned.es/451059/451059d.htm

4 DIFICULDADES DOS BRASILEIROS AO PRONUNCIAR AS VOGAIS DA LÍNGUA ESPANHOLA

Podemos ver um quadro de Quillis (1997) cujo mostra os fonemas, os sons, as letras que representam e alguns exemplos.

Fonemas	Alófonos	Grafias	Ejemplos
Vocales /i/	[i]	i, y	/pápa/ [pápa] <i>papa</i> /pisáR/ [pisár] <i>pisar</i>
	[i̠]		/mímo/ [mímo] <i>mimo</i>
	[j]		/biéne/ [bjéne] <i>viene</i>
	[i̯]		/áire/ [áire] <i>aire</i>
/e/	[e]	e	/pépa/ [pépa] <i>Pepa</i> /pesáR/ [pesár] <i>pesar</i>
	[ẽ]		/méma/ [mẽma] <i>mema</i>
/a/	[a]	a	/pápa/ [pápa] <i>papa</i> /pasáR/ [pasár] <i>pasar</i>
	[ã]		/máma/ [mãma] <i>mama</i>
/o/	[o]	o	/pópa/ [pópa] <i>popa</i> /posáR/ [posár] <i>posar</i>
	[õ]		/mónó/ [mõno] <i>mono</i>
/u/	[u]	u	/púpa/ [púpa] <i>pupa</i> /puxáR/ [puxár] <i>pujar</i>
	[ũ]		/múNdo/ [mũndo] <i>mundo</i>
	[w]		/buéno/ [bwéno] <i>bueno</i>
	[u̯]		/áuto/ [áuto] <i>auto</i>

Podemos perceber no decorrer de nossas experiências em sala de aula tanto como aluno quanto como professores e através de nossas leituras alguns erros de pronúncia por parte de alunos de língua portuguesa estudantes de espanhol e acreditamos que alguns desses erros têm influência da língua materna desses estudantes.

Vejamos uma lista dos principais erros observados.

1- Podemos perceber que os alunos brasileiros estudantes de espanhol costumam nasalizar bastante os fonemas da língua castelhana quando é pronunciado mesmo quando não se deve nasalizar ou quando se deve ser menos nasalizado. (Acreditamos que isso ocorra devido à influência do português, visto que as vogais nesse idioma são bastante nasalizadas).

2- Tanto o fonema /e/ quanto o fonema /o/ costumam pronunciar de forma aberta, enquanto que em espanhol os pronunciamos de forma fechada como se fossem ê e ô.

3- Outra tendência com relação ao fonema /e/ é que ele muitas vezes é pronunciado como /i/ e o fonema /o/ como se fosse /u/. (Características típicas da língua portuguesa).

Como podemos perceber são características comuns e podemos inclusive dizer que elas ocorrem devido à interferência da língua materna desses estudantes que nesse caso é o português.

Muitas vezes esses erros não são percebidos pelos alunos devido a grande semelhança que existe entre os dois idiomas e, muitos desses erros não causam desentendimentos entre o aluno não-nativo e o nativo ao tentarem se comunicar.

3.1 Atividades para tentar superar os erros causados pela interferência da língua portuguesa com relação às vogais

Muitos estudiosos passaram a estudar essas dificuldades passando a estudá-las fazendo o contraste entre o português e o espanhol. No Brasil Masip (2005) é um dos nomes mais citados quando falamos de fonética, na sua obra “Fonología u ortografía españolas: curso integrado para brasileños” ele dá dicas de como superar esses erros, vejamos a seguir:

a) Em casos de consoante nasal posterior, na mesma sílaba, fechar os lábios ou apoiar o ápice da língua onde convenha. Quando tratar de consoante nasal posterior, na sílaba seguinte, fazer uma pausa brevíssima.

b) Pronunciar todos os “e” do espanhol como se pronuncia algumas vezes em português: pêra, mesa e peso.

c) Pronunciar todos os “o” do espanhol como se pronuncia algumas vezes em português: esboço, sopro e coral.

Nós damos outras dicas para melhorar a pronuncia das vogais de língua espanhola, veja a seguir:

a) A utilização de trava línguas. Essa é uma atividade muito boa tanto para os professores passarem para seus alunos como para os próprios alunos treinarem em casa.

b) O aluno pode ler textos pequenos e gravá-los para depois analisar o que foi lido, tentando, o máximo possível, superar seus erros e repetindo a gravação quantas vezes sejam necessárias. Caso o aluno não consiga perceber seus erros (caso mais grave, pois pode estar chegando a uma fossilização) ele deve recorrer ao professor para ajudá-lo a identificar seus erros e ouvir junto com ele a gravação.

c) Outra atividade bastante utilizada e de grande importância é ouvir músicas e assistir filmes na língua estudada, pois parte de uma boa pronúncia é devida a uma boa audição, se o aluno escuta bem e percebe perfeitamente a pronúncia ele tende a pronunciar corretamente.

É de grande importância que tanto os alunos como os professores passem a dar um pouco mais de ênfase a fonética e a fonologia, pois ela é de grande importância para o ensino de um novo idioma e inclusive pode ajudar para uma escrita correta, além da pronúncia.

Considerações Finais

Podemos constatar que a visão do erro, em relação ao ensino de uma língua estrangeira, passou por uma evolução, já que antes era visto como sendo uma interferência dentro do ensino e agora é visto como uma peça fundamental para a aprendizagem.

A língua materna tem uma importante função dentro do ensino – aprendizagem de um novo idioma, no qual temos que tomar bastante cuidado, pois ela pode ser uma aliada ou uma inimiga, principalmente no caso do espanhol, sua proximidade e essa ilusão que se criou de que todo brasileiro sabe falar espanhol. Como podemos observar, durante a nossa análise, a interferência é bem maior nos casos dos níveis iniciais, diminuindo um pouco em níveis mais avançados.

No decorrer do trabalho vimos que os alunos cometiam diversos erros relacionados a pronúncia dos fonemas vocálicos sendo em sua maioria em relação a nasalização e a abertura dos fonemas /e/ e /o/.

Nós professores devemos diagnosticar onde nossos alunos têm dificuldade e trabalhar bem esse erro, não podemos deixar passar as pequenas coisas e pensar que mais na frente ele vai ver que está cometendo determinado erro e se auto-corrigirá, isso é possível, mas não podemos nos confiar nessa possibilidade, temos que trabalhar bem cada dificuldade, para que não se tornem fósseis dentro da língua estrangeira de nossos alunos.

Mais trabalhos devem ser realizados nessa área, pois é uma área muito importante no ensino-aprendizagem de uma língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMALIA, M. e ARENAS, M. **La fonética del español**. Ed. Quorum, 2005.
- ALMEIDA FILHO, J. C. **Uma metodologia específica para o ensino de línguas próximas?** Campinas, SP 1995.
- BARALO, M. **Algunos tópicos en la adquisición de una lengua extranjera**. Madrid: Universidad Nebrissensis, 1996.
- CHOMSKY, N. **Aspectos de la teoría de la sintaxis**. Madrid: Aguilar, 1965.
- CORDER, S. P. **Introducing Applied Linguistics**. Harmondsworth: Penguin Books, 1972.
- FARIAS, M. S. **Estudo da Interlíngua de brasileiros estudantes de espanhol apoiado na análise de erros**. Fortaleza: UECE, 2007.
- FERNÁNDEZ, G. E. **Lingüística Contrastiva e ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras na atualidade: algumas relações**. Signum: Estudos da Linguagem. Londrina, Ed. da UEL, 2003.
- FERNÁNDEZ, S. **Interlengua y análisis de errores en el aprendizaje de español como lengua extranjera**. Madrid: Edelsa, 2005.
- FERREIRA, I. **A interlíngua do falante do espanhol e o papel do professor: aceitação tácita ou ajuda para superá-la?** In: ALMEIDA FILHO, J. C. (org.), *Português para estrangeiros: interface com o espanhol*. Campinas, SP. 1995.
- LYONS, J. **Introdução a Lingüística Teórica**. São Paulo: Nacional, 1979.
- MARTÍNEZ, I. P. **Lingüística contrastiva y análisis de errores**. Madrid, Edinumen, 1999.
- MASIP, V. **Gramática histórica portuguesa e espanhola**. São Paulo: EPU, 2003.
- MASIP, V. **Fonología u ortografía españolas: Curso integrado para brasileños**. Recife: Bagaço, 2005.
- OLDER, J.W e ZIAHOSSEINY, S.M. **The Contrastive Analysis Hypothesis and Spelling Errors**. Language Learning, vol. 20, 1970.
- PICADO, A. I. B. 2008, texto on – line, <[http:// www.cuadernos cervantes.com/ art_ 38 _ error .html](http://www.cuadernos cervantes.com/art_38_error.html)> acesso: 30/10/2010
- QUILIS, A. **Principios de Fonología y Fonética españolas**. Madrid: Arco Libros, 1997.
- VANDRESEN, P. **Lingüística Contrastiva e Ensino de Línguas Estrangeiras**. In: BOHN, H.I. & VANDRESEN, P. (ORGS) *Tópicos de lingüística aplicada: o ensino de Línguas estrangeiras*. Florianópolis, Ed. Da UFSC, 1988.

VIANA, N. **Planejamento de recursos de línguas – pressupostos e recursos.** In: ALMEIDA FILHO, J. C. (org.), *Parâmetros atuais para o ensino de Português Língua Estrangeira.* Campinas, SP: Pontes, 1997.